

Preservar Brasília apenas como Capital

44

A consolidação de Brasília através da preservação de seu caráter essencialmente político-administrativo e cultural, da redução do fluxo migratório que demanda a ela e da valorização de sua área de influência constituem a filosofia do Programa Especial da Região Geoeconômica de Brasília — PERGEB, em vigência desde 1975.

Decorridos seis anos de sua criação, a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste — SUDECO — preparou um documento para o Banco Interamericano de Desenvolvimento fazendo uma avaliação crítica do PERGEB e propondo a criação de um programa complementar, com recursos na ordem de 120 milhões de dólares.

«O impacto esperado das ações desenvolvidas no período compreendido entre 1975/79 não alterou significativamente o quadro existente na região quando da criação do programa», reconhecia o documento, frisando ainda necessitar com a mesma intensidade «a pressão das populações periféricas sobre os serviços sociais básicos oferecidos por Brasília, assim como a redução do fluxo migratório que para cá se dirige não tem se dado no ritmo desejado, comprometendo as funções político-administrativas da capital».

Para o superintendente da SUDECO, René Pompéo de Pina, no entanto, «a validade e a eficácia do programa são fatos absolutamente comprovados. Outra coisa é falar do volume de recursos, que é um problema conjuntural, mas é preciso ressaltar que o sistema está implantado e prestou ótimos serviços. Pode-se questionar porque não se fez mais, o que é decorrência meramente da dimensão dos recursos disponíveis, mas nada impede que esse mais seja feito num futuro próximo».

Enquanto a SUDECO, através do PERGEB, investiu na área recursos da ordem de Cr\$ 1.48 bilhões entre 1975 e 1980 em obras e atividades distribuídas entre os setores de educação, saúde, saneamento básico, transportes, energia e desenvolvimento rural, o programa a ele complementar pretende investir nos próximos três anos a quantia de Cr\$ 9,5 bilhões de cruzeiros, ao câmbio de hoje.

A ser desenvolvido paralelamente ao PERGEB, cuja dotação este ano é de Cr\$ 700 milhões, o programa de Desenvolvimento Integrado da Região Geoeconômica de Brasília tem uma estratégia geral definida em termos de expansão do binômio emprego/renda para o Centro-Oeste, procurando conciliar a ocupação espacial com a criação de alternativas econômicas

116

que se apresentem como oportunidade de fixação produtiva de populações.

Se a mudança da capital para Brasília já motivou um grande impacto na região, mudando a sua face a tal ponto que «já não se encontra mais pobreza na sua vizinhança», como afirma René Pompéo de Pina, a implantação de um programa com estas características vai promover agora uma alteração mais radical, assegura ainda.

Com seis anos já de existência, o que o PERGEB fez pela região de influência de Brasília? O senhor acha que os principais objetivos do programa foram alcançados?

Durante todo este período o programa procurou estudar os principais problemas da região periférica do Distrito Federal e resolvê-los, começando pela parte dos investimentos públicos considerados essenciais para um suporte econômico e também para uma vida condigna desta população. Isto significa que procurou-se dar àquelas cidades mais próximas de Brasília, e em seguida aumentando-se a abrangência, a infra-estrutura essencial, ou seja, estrada, energia, escola, posto de saúde, armazéns, comunicação. Desta forma pretendia-se que as cidades pudessem abrigar qualquer tipo de população, deserosa de desenvolver atividades produtivas.

Esses objetivos foram alcançados com pleno êxito, porque hoje nós temos na envoltória de Brasília um grande número de cidades que já dispõem dos equipamentos públicos, coisa que antes desse programa não existia. E o caso, por exemplo, de Planaltina e Padre Bernardo, que não dispunham de energia.

Então, apesar dos investimentos desse programa não terem sido tão grandes, é significativo o volume de serviços que se realizou nesta região, de tal forma que hoje qualquer pessoa pode morar nestas cidades periféricas e desenvolver uma atividade econômica sem maiores problemas.

Mas houve redução do fluxo migratório para o Distrito Federal? O PERGEB visava a minimização destes através da abertura de novas oportunidades de emprego na região geoeconômica de Brasília...

Bem, aí nós temos que dividir o programa em várias etapas. A medida seguinte, que não era sempre possível tocar paralelamente pelo próprio nível de desenvolvimento da área, é a parte de anteparo, no que se refere ao mercado de trabalho. É justamente nesta etapa que estamos entrando e na qual se procura desenvolver nas cidades adjacentes uma infra-estrutura econômica, através de um processo agrícola mais qualificado, com mais tecnologia e através também de um sistema de agro-indústria, de tal forma que agora podemos dizer que estamos partindo para o desenvolvimento econômico desses municípios. Eles já podem agora suportar qualquer processo de industrialização ou de pré-industrialização, impossíveis antes quando não se contava sequer com energia.

Este trabalho que foi desenvolvido é indispensável para que se possa exercer o segundo papel, que é o de anteparo e de elemento regulador dos fluxos migratórios que demandam para o Distrito Federal.

Pode-se fazer uma previsão de quando a migração para o Distrito Federal chegará aos índices ideais?

E muito difícil definir exatamente qual é o tempo de uma coisa ou de outra, mas eu diria o seguinte — tudo depende da velocidade que se queira dar a esses investimentos e dos recursos disponíveis para os mesmos.

Se o processo anterior demorou todo esse tempo foi porque o volume de recursos era finito e a própria educação da região, o próprio sistema de trabalho do governo era de tal forma que esta se mostrou a melhor maneira de fazer — fazer gradualmente, todo ano um pouco, procurando melhorar as condições das cidades. Agora, à medida que elas vão tendo o seu suporte razoável, podemos intensificar a catalização no sentido de permitir que essa região ofereça um mercado de trabalho bem maior do que oferece hoje.

Essa é a grande etapa, a meta importante na qual estamos procurando concentrar esforços através de ações governamentais no que se refere a linha de crédito, através da contratação de empréstimos até mesmo externos, através do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Segundo o documento que a própria SUDECO elaborou para o BID, ocorreu uma pulverização de recursos no PERGEB. O novo programa não corre o mesmo risco?

O início do PERGEB foi bastante abrangente no sentido espacial, porque não faz sentido estarmos aqui em Brasília, uma cidade moderna, bem dotada de equipamentos públicos, e no entanto a 200 quilômetros daqui não

haver nada. Isto nos forçou a resolver os problemas mais críticos dos municípios da área.

O PERGEB de fato se dispersou um pouco, mas isto é compreensível se levarmos em conta que por não existir um posto de saúde em determinada cidade, tivemos que construí-lo lá, ou se não existia uma estação de tratamento de águas e a situação era crítica, tivemos que fazer um poço artesiano. Houve então uma dispersão espacial para que pudéssemos tirar os municípios do estágio precário em que se encontravam, agora, no entanto, a medida que eles vão se desenvolvendo (embora ainda existam alguns em situação muito difícil), passa-se para uma fase seguinte, da pré-industrialização, que já é mais industrializadora. Nesta etapa então vai-se eleger alguns pólos, ou definir-se atividades por região — em uma delas se concentra o artesanato, no outro a produção de citricos, o que vai fazer com que a ação deva ser mais concentrada exatamente no sentido de gerar produção e também de preparar um parque industrial.

Qual o efeito que se espera tenha este novo programa sobre a região?

Bem, eu que sou da região e conheço Brasília desde o seu início, tenho condições de avaliar qual foi o impacto que Brasília teve sobre sua área de influência. Andando por aí a gente vê que não há uma região desenvolvida, não há pobreza, problemas mais graves. Um programa desta natureza vai mudar novamente a face da região, que vai passar a ter características de região bem desenvolvida.

Para a execução do programa da geoeconômica a SUDECO articula-se com os Estados que compõem a região. Como se dá a integração?

Bem, a nossa programação toda é feita de comum acordo com o usuário da mesma, que no caso são dois Estados, Minas Gerais e Goiás e o GDF, embora com relação a este último seja apenas uma pequena parcela que é investida dentro do Distrito Federal, porque entendemos que o problema de investimentos nesse caso é mais um problema local. Os investimentos maiores são feitos na periferia do DF e o que procuramos fazer é um programa harmonioso com os Estados e o DF, no sentido deles também dizerem quais são os pontos que mais os afetam.

Próximo a Padre Bernardo está sendo realizada uma experiência de desenvolvimento de comunidade, que conta inclusive com o apoio da SUDECO. O senhor acredita que projetos semelhantes ao de Mariópolis contribuem para a fixação do homem no meio rural?

Nós temos colaborado com esta experiência por várias razões, uma delas porque o responsável pelo projeto, o padre Rui, trabalha aqui com a gente, o que facilita a comunicação e ainda pela intenção e boa vontade que ele tem, acho que é um projeto válido, mas o mais importante para considerarmos em tudo isto é o seguinte: qualquer projeto de ocupação espacial tem que ter como base uma estrutura econômica. Eu quero dizer que não adianta fazer uma cidade com casa, luz, telefone, água e não ter trabalho. A ocupação só pela infra-estrutura urbana não funciona.

Brasília está completando agora 21 anos. Em seu projeto original, Lúcio Costa enfatizava que o desenvolvimento planejado da região em que se encontra Brasília deveria ser a consequência de sua criação. Não foi muito tardio o aparecimento de um programa para a geoeconômica somente aos 15 anos de Brasília?

Para responder a esta pergunta, vou fazer uma comparação com o próprio corpo humano: dos zero aos 20 anos o ser humano tem que crescer e engordar ao máximo para se definir como corpo humano adulto. A fase seguinte, já é o contrário — é preciso cuidar para não engordar mais que o necessário, de forma a não atrofiar este ou aquele membro.

A mesma coisa pode-se dizer com relação às cidades. Durante uma certa fase, o que se procurou fazer foi fortalecer a cidade de Brasília, trazer mais gente, até oferecendo vantagens especiais para que as pessoas se motivassem a morar aqui. Agora que a cidade já está adulta, a preocupação é não deixar que venha a ter atrofias, mais sérias. Brasília só se consolidou de fato há menos de oito anos, e por isso a preocupação governamental na época era a cidade em si. Esta, talvez, a razão de ter ocorrido um atraso nesta outra parte.

Hoje os investimentos na área periférica passam a ter um papel mais importante, além de entendermos que Brasília não foi construída apenas para ser uma capital, mas deva ter um raio de influência tão grande que possa se transformar em pólo irradiador nesta parte Oeste-Norte do Brasil, que ainda está desocupada.